

DIVERSIDADE CULTURAL EM PSICANÁLISE DE CASAL E FAMÍLIA- VIÚVAS E ÓRFÃOS DE VIVOS

Sizalda Oliveira

Faculdade de Psicologia - Faculdade de Lisboa
sizaldaoliveira@psiformis.pt

<https://doi.org/10.17060/ijodaep.2017.n2.v2.1102>

Fecha de Recepción: 11 Octubre 2017

Fecha de Admisión: 1 Noviembre 2017

RESUMO

As conquistas, os descobrimentos marcam a História de Portugal, que se contempla na apropriação intracultural familiar. A guerra, a emigração, inscrevem na população um “estranho desejo”, que se volta para o exterior. Os homens vão-se... ficam as mulheres e os filhos.... Institui-se o legado familiar, promovendo o impasse geracional e constitui-se o fantasma familiar. Aguardam a vinda messiânica, ficando presos e impedidos de aceder à ambivalência afetiva e à mensagem paradoxal. Constroem-se vínculos patológicos, coexistentes com um narcisismo familiar frágil. Vive-se a pseudo-segurança da união com o fantasma do presente-ausente, verifica-se a ausência de desenvolvimento do “self familiar” coeso e coerente, tão característico das “Famílias de Vidro”. As vulnerabilidades emocionais destes agregados familiares inscrevem nas suas memórias traumas, culpas, lutos suspensos e, sofrimentos não mentalizados que culminam em (de)formações narcísicas e falhas identitárias que, interrogamos: não estarão ao serviço dos objetos fantasmáticos transgeracionais, à pró-cura de dinâmicas transformadoras com sentido e significantes?

Palavras-chave: Objetos fantasmáticos transgeracionais. Self familiar.

(CON)VIVÊNCIA HISTÓRICA: O FADO DA NOSSA VIDA

A emigração em Portugal constituiu-se como um fenómeno sociocultural e estrutural desde muito cedo, a partir dos descobrimentos em 1500. O mar, a longa costa marítima de Portugal e a colonização atraíram o povo a descobrir e conquistar novos territórios além-mar.

No Séc. XX a ditadura e a guerra colonial favoreceram o processo de desertificação do norte e interior do país, pela fuga e a clandestinidade - emigração ilegal - bem como impulsionou a emigração em geral.

Os movimentos migratórios, quer transoceânicos como intra-europeus, que se mantêm hoje, convocam a ideia generalizada que *a cada português que sai pelo menos dois ficam afetados*. Estes

DIVERSIDADE CULTURAL EM PSICANÁLISE DE CASAL E FAMÍLIA- VIÚVAS E ÓRFÃOS DE VIVOS

processos favorecem a emergência de dramas familiares, legados e fantasmas que marcam um país e o seu potencial humano. O emigrante assume uma nova identidade e representa um *produto exportado* que acresce uma mais-valia económica e financeira ao país, desenvolvendo também uma verdadeira diáspora mundial.

Nascem, assim, as viúvas e os órfãos de vivos que cumprem *o fado da nossa vida*.

Nesta confusão de estados de alma - *é a vida* - “estamos fora da vida, dentro dela... que se exprime numa zona de transcendência-imanência da nossa Vida ... provoca o nevoeiro no espírito” (Gil, 2008).

O caso clínico escolhido insere-se nesta cultura e retrata de modo atualizado as vivências que acompanham a história subjetivante do nosso país: Portugal.

A FALÊNCIA NO CORPO FAMILIAR

Margarida, de 13 anos, foi encaminhada para a consulta de psicologia clínica pelo pediatra por manifestar crises de hipoglicémia recorrentes sem justificação. Foi-lhe diagnosticado diabetes Mellitus tipo 1, tornando-se insulínodépendente desde os 4,5 anos. Registaram-se sérias dificuldades na família e na criança em adaptarem-se à doença crónica.

Os pais, Marta e Pedro demonstraram uma profunda preocupação: tornaram-se pais controladores, ansiosos e centrados na filha mais nova não só em relação aos valores da glicémia, como à sua vida em geral. Por outro lado, a Inês, hoje com 18 anos, desde então apresentou-se como filha parentificada, substituindo-se à mãe em colocar limites e as rédeas da casa, sendo autoritária.

Marta e Pedro quando casaram constituíram uma empresa no ramo da fotografia, com resultados promissores. Cerca de 4 anos depois da sua constituição, foram surpreendidos com as inovadoras máquinas de fotografia digital. A empresa faliu. Como consequência desta crise empresarial e financeira ao nível do grupo nuclear, o casal decide pedir apoio aos pais de Pedro, pois estes possuíam uma empresa na mesma área. No seguimento, Pedro decide internacionalizar a empresa dos pais o que provoca ausências recorrentes, cerca de 3 semanas no mês.

Pedro ao investir na empresa da sua família originária, vem contribuir para a revitalização do património familiar e encontrar um novo lugar de reconhecimento identitário como filho varão. No decurso da nossa análise e do processo psicoterapêutico foi-se verificando que as crises de hipoglicémia da Margarida desapareciam sempre que o pai estava presente. Aspecto clínico que discutimos quer com o pediatra quer com o endocrinologista que a seguem. Margarida revelou-nos: “Quando o meu pai está em casa connosco, tudo é diferente. A minha irmã deixa de ser tão mandona e a minha mãe anda mais alegre e eu acho que fico mais relaxada.” Sugeriu-se uma psicoterapia de casal, o que aceitaram.

História subjectivante

Marta é mais nova de uma fratria de 4 irmãos. Esta relata que os conflitos na sua família eram constantes, face às dívidas contraídas pelos pais. A mãe foi-nos referida com uma figura agressiva e explosiva e o pai com problemas de alcoolismo. Marta é “filha de irmãos parentificados”, irmãos estes que quando se autonomizaram e deixaram a casa paterna, tornou-se órfã. Os irmãos emigraram, um para o Brasil, outro para Espanha e outro para o sul do país. O pai faleceu e as relações dos irmãos com a mãe ficam inscritas em dinâmicas funcionais associadas à herança e tornam-se fonte de discórdias entre todos.

Na família de Pedro as histórias migracionais são uma constante. Durante a guerra colonial o avô materno desloca-se para África, onde desenvolve actividade comercial conquistando um avultado património económico e estatutário. Nascem duas filhas, a mais nova emigra para a América. A mais velha - mãe de Pedro- constituiu família e inicia em África com o marido a empresa na área

da fotografia. Com a Revolução dos Cravos – 25 de Abril de 1974, a família regressa ao norte de Portugal como “*retornados*”. Pedro é o mais velho de 3 irmãos, sendo que estes se encontram emigrados. Pedro sofreu várias separações precoces vivendo temporariamente com os avós maternos e dos quais se separa mais tarde.

O regresso a Portugal fica marcado pela fractura identitária e de pertença, bem como por segredos, sentimentos de perda e revolta em que a luta pela sobrevivência se impõe. Pedro e a sua família sofrem perseguições políticas porque detinham um arquivo fotográfico comprometedor e pela acusação implícita que lhes foi atribuído: *fascistas e colonizadores*.

O casal conjugal: A Marta sem Pedro representa Marta sem Marta?

O casal conheceu-se numa festa de aniversário de amigos comuns:

Marta: “Eu tinha 17 anos e o Pedro 19 anos e quando os nossos olhares se cruzaram eu senti que nos escolhemos, foi amor à primeira vista.”

Pedro: “Eu achei-a bonita, simpática, era fácil conversar com ela. Cerca de seis meses depois de nos conhecermos já vivíamos juntos na casa dos meus pais e dois anos depois casamos e nasceu a nossa filha mais velha, a Inês.”

Segundo as palavras de Winnicott (2002)

é possível pensar no rosto da mãe como protótipo do espelho. No rosto dela o bebé vê-se a si próprio...A função espelho, que é baseada no processo de identificação primária com a mãe ou substituto, tece um cenário afectivo fundamental para que o indivíduo possa integrar uma imagem própria. Para o autor, o Self não integrado não pode ser observado nem recordado pelo indivíduo, a menos que seja observado e espelhado de volta a ele.

O encantamento amoroso entre Marta e Pedro foi gerado pelo olhar de um pelo outro que enalteceu o encontro. Será que cada um procurará o seu “objecto único” de modo a constituir um vínculo de completude e vivência oceânica? Esta mútua escolha estará assente na necessidade individual de reparação de falhas primordiais?

A escolha do parceiro não estará ao serviço de desenvolver processos reparatórios herdados e na resolução de Nós-problemáticos transgeracionais sociais e familiares de ruptura identitária e abandono (Lito & Ferreira, 2014)?

Marta: “Naquela altura, o ambiente em minha casa era péssimo, muitos conflitos. O meu pai era alcoólico, a minha relação com a minha mãe era horrível, só discutíamos e os meus irmãos eram mais velhos já não estavam lá em casa.”

Pedro: “Quando íamos à família dela eu queria vir logo embora, estavam sempre a discutir, por tudo e por nada! Eu não queria a minha mulher ali! Entretanto o pai dela faleceu e eles andam com o problema da herança, eu já lhe disse que se afaste disso, não quero nada.”

Marta é oriunda de uma *Família de Vidro* (Lito, 2010, 2014) em que a ética dos valores e dos vínculos favorece não só a perversão como a inversão e invisibilidade hierárquica geracional. Marta, filha de um pai alcoólico e mãe deprimida, inscrita na violência e num déficit vincular objectal cresceu psiquicamente em “falha narcísica”. Incorporou uma pseudo-identidade e uma pseudo-pertença familiar levando-a a procurar soluções narcisicamente endogâmicas. Casou com o Pedro e, afiliou-se à sua família, que se tornou o continente regenerador do self familiar deficitário de Marta.

Marta: “Eu sinto que substituí a minha mãe pela minha sogra e sinto-me na família do Pedro uma filha, além de mulher dele. Mas acho que o Pedro potenciou isso porque ele quis que as nossas filhas ficassem com o apelido da mãe dele e eu também quis ficar e para isso invertemos aquilo que é consensual.”

Pedro: “O apelido da minha mãe, é o nome por quem todos me conhecem, passa para as minhas filhas e terá continuidade na família, caso contrário acabaria em mim.”

Psicoterapeuta -: “Estarei a compreender bem, a Marta diz-nos que se sente filha da sua sogra e que esta substituiu a sua mãe, desde os seus 18 anos, é assim? Como se desejasse corresponder ao desejo, do Pedro e seu, de ser “perfilhada?”

Berenstein (1981) afirma que,

os membros do sistema familiar estão ligados sem o saberem, por uma estrutura inconsciente, onde se encontra como matriz de significado a complexa relação entre família conjugal e a família materna. (Berenstein, 1981)

A continuidade oferecida pelo apelido do avô materno de Pedro remete-o para o hiato entre o pai simbólico, que Lacan chama o “Nome-do-Pai” e o pai real, que é aquele que nomeia. Entre o pai simbólico e o pai real situa-se o pai imaginário. Pedro cumpre a função como pai real, que nomeia as suas filhas e representando talvez um pai imaginário para a Marta? Ou, transforma o seu avô no seu pai real, ao adoptar o seu apelido, tornando-se ele próprio órfão de pais vivos? Regenera-se, pois a identidade deficitária e ambos cumprem simbolicamente o crime de parricídio. Com a eliminação do interdito Marta e Pedro não terão desenvolvido uma relação conjugal incestual do tipo fraterno?!

Marta: “Sim, porque quando o Pedro não está, eu sinto que fico mais ansiosa e deprimida, é como se eu me sentisse desamparada, mas de uma forma muito profunda. Acho que fico uma menina pequenina, não sei ser mãe, perco o chão... Fica tudo em pantanas! A Inês decide tudo, o que me dá jeito porque assim posso dedicar-me mais à Margarida. Eu sei que é mau o que vou dizer, mas sinto-me viúva de um marido vivo, tanto é que desde que o Pedro viaja comprei um cão, sinto-me mais protegida. Tem graça sempre que um de nós chega a casa o cão cumprimenta-nos e fica com aquele que se mostra mais frágil, já aconteceu comigo!”

Marta quer ser salva dos movimentos centríptos e aglutinadores da sua família originária, onde os irmãos assumiram o papel parental e ela conservou o papel de filha dependente. Vive sentimentos de perda, vazio e desamparo perante a autonomização dos irmãos. Marta encontra em Pedro e na sua nova família a possibilidade de reparar/transformar a sua vivência de orfandade e desamparo, dispondo-se a acolher o convite de resgate filial que Pedro e família lhe ofereceram. Por outro lado, Pedro quer ser salvo dos movimentos de expulsão e centrífugos da sua família. Com este resgate que oferece a Marta, também se resgata do seu ambiente familiar. Aglutinando-a, Pedro consegue uma aliada que o fortifica, podendo contrariar aqueles movimentos familiares. O vai-vem migratório inter-famílias complementam-se e fundam o contrato narcísico do casal.

O Vai- Vem migratório e as repercussões identitárias: O “cão” no psicoterapeuta

Parecem existir de forma concomitante duas migrações: a de Marta, para o interior da família do Pedro, deixando-se adoptar pelos sogros e desejando renunciar o vínculo emocional e afectivo com os seus próprios pais e o de Pedro na conquista de si próprio. Será que as viagens regulares de Pedro para o estrangeiro têm servido o objectivo de internacionalizar a empresa paterna e deste obter o reconhecimento como o “bom- filho varão e pai de família?

Uma situação de crise, individual ou colectiva pode ser desencadeadora de uma experiência migratória ou a sua consequência. Toda crise implica uma ideia de “rutura”, separação ou desenraizamento (Kaes,1979).

As sucessivas separações e o risco de desenraizamento, convocam sentimentos de insegurança, instabilidade, do *self* grupal nuclear, bem como vulnerabilidades no sentimento identitário e de pertença. Pedro, quando presente mostra-se forte, protetor. Na sua ausência, a filha Inês apropria-se desse lugar e oferece-se como substituta da função parental, garantindo a continuidade fantasmática do pai- ausente, o *porto seguro*. Inês fica assim impedida de se mostrar frágil, aceitando o

legado inconsciente parental e, reproduzindo a missão inconsciente “salvar a família das crises”.

Em associação livre e no processo de *après-cout*, recordei-me de uma região do norte de Portugal - Castro Laboreiro - que viu os seus homens a emigrar durante várias décadas. Como resposta a este desaparecimento masculino, as mulheres assumiam a posição de mulheres-homens, pois acumulavam às suas, as tarefas e papéis dos homens que anteriormente lhe eram destinados. Como seus companheiros adotavam um cão, “cão de Castro Laboreiro” antiga raça portuguesa, conhecida pela sua comprovada eficácia na proteção dos rebanhos. Este cão, sempre vigilante, aprende rapidamente, a ligação com a família humana sendo muito dócil com as crianças, que protege instintivamente de todos os perigos.

Durante o início do processo terapêutico percebi que a minha função se assemelhava aquele cão protector de Castro Laboreiro que os saudava logo que chegavam e se aproximava de quem sentia estar mais frágil. Na escuta senti-me progressivamente aceite, contentora e capaz de transformar aquelas angústias e os pensamentos *Beta*, facultando-lhes então a minha interpretação em “*reverie*”. Como objecto transitivo, foi-nos possível a construção do neogrupo analítico facilitador dum espaço subjetivante. Senti progressivamente ao longo destes dois anos, um investimento crescente do casal no trabalho psicoterapêutico, através da “transferência por deslocamento” (Eiguer, 1987).

Contratransferencialmente, Marta suscitou em mim sentimentos maternos, pela atitude apelativa, expressos pela sua fragilidade e comportamentos regressivos. Pedro, pelo contrário suscitou sentimentos ambíguos, opostos, de evitamento, esquivos, independência, que se repercutiram dentro de mim numa inquietude interna. Predominou uma “transferência por projecção” (Eiguer, 1987), ocasionando em mim sentimentos primitivos. Estes mecanismos projectivos geraram confusão e impediram-me de identificar uma hipótese terapêutica de modo a encontrar o objecto de casal. Esta dificuldade levou-me a pensar se não seria essa a natureza do problema do casal e da família?

Marta sem Pedro é Marta sem Marta e, filhas sem mãe, são filhas de quem?

Viúvas e órfãos de vivos

Os avós adaptaram-se à migração e constituíram património e estatuto sócio-económico em África. Perante a guerra pós-independência os pais são obrigados a regressar a Portugal para garantir a sua sobrevivência, perdendo todo o património conquistado.

Pedro e Marta ambos mantinham um luto suspenso pela falha narcísica recebida pelas gerações precedentes e concomitantemente pela falência do próprio corpo familiar empresarial. Este adiamento parece ser operativo, permitindo-lhes reparar a falha pela revitalização da empresa da família alargada.

Quando o pai se ausenta cria-se uma identidade imaginária com carácter messiânico. As palavras de Jesus no momento da morte explicitam-no: “Pai porque me abandonaste?” Esta ausência impede o desenvolvimento da *terceiridade*, da inclusão do outro. Bebé e mãe representam um só, é através da inclusão do terceiro que o *eu* e o *outro* se reconhecem como elementos diferenciados. Se o pai está ausente, a transferência de identificação da mãe para o pai não acontece, e a criança permanece ligada somente à figura materna.

Kães, (1979) refere que um grupo

é uma associação de sujeitos que querem partilhar seus desejos e recalcamientos. Destaca “a cadeia grupal transgeracional, que segue o destino de significantes ancestrais partilhados, outros recalcados, forcluídos mas que surgem como superfície e raiz para sujeito singular.

A cadeia associativa sincrónica, que segue o destino da transmissão de inconsciente e da recu-

peração de significados recalcados por um sujeito é tomado por outros membros do grupo (Käes, 1979).

A fragilidade e o desamparo de Marta bem como a ausência do pai foram incorporados pelas filhas Margarida e Inês.

Margarida e Inês repetem dinâmicas relacionais da geração anterior confirmando o legado de salvação e protecção pela via da transmissão transgeracional. As duas conseguem manter neste pacto fraternal a presença – ausência do pai e da mãe frágil, sendo elas mesmas órfãs de pais vivos. Margarida sacrifica defensivamente o seu próprio corpo somatizando. Com a sua diabetes controla o objeto materno e as separações do pai. Inês atribui a si própria a responsabilidade de substituir a autoridade parental, ausente, sacrificando o seu desenvolvimento emocional e relacional.

A emigração de Pedro tem convocado pois, sentimentos contraditórios na sua família. A dependência emocional e afectiva da sua mulher e filhas vem-lhe despertar sentimentos de admiração e gratidão, assim como inveja e cólera. Os desejos latentes de cada um, tornam-no depositário e o agente responsável de repôr as fantasias de segurança e grandiosidade no grupo familiar. Pedro recria o «milagre da salvação», pertence à terceira geração de emigração contendo simultaneamente dois núcleos principais de identificação, o da sua família de origem: pais e avô materno. Esta passagem de testemunho inconsciente não terá dificultado a sua relação com a terapia revelando-se ambivalente e oscilante entre aproximação e evitamento com a terapeuta?

Com o trabalho psicoterapêutico de dois anos, à razão de 1 vez por semana, foi possível o Pedro mostrar a sua fragilidade e Marta tornou-se mais autónoma.

O casal parental tem conseguindo reverter os limites geracionais à Margarida e esta pode demonstrar a sua raiva contida no silêncio da inaceitação da sua doença crónica. Marta e Pedro têm vindo a suportar os movimentos regressivos e apelativos da Inês e cuidar desta, auxiliando-a no seu processo desenvolvimental uma vez que se veio a conhecer pela filha Margarida, um grave segredo da Inês: nos seus 12 anos foi abusada sexualmente pelo companheiro da avó materna.

O par conjugal que inicialmente inscrito numa relação fraterna incestual têm-se organizado como uma dupla conjugal e um par parental outrora clivado e dissociado. Ambos tem desenvolvido um aparelho psíquico grupal e familiar contentor, integrador para as filhas e, têm vindo a restabelecer um ambiente facilitador de crescimento para todos os seus membros ainda que os processos de identificação e diferenciadores geracionais se encontrem em evolução.

Deste modo, Inês também aceitou um processo terapêutico individual sendo possível um movimento de regressão transitório substituindo o falso self pelo verdadeiro, consolidando o seu sentimento de identidade e pertença.

Piera Aulagnier (1979), refere que o ser humano desde o seu nascimento necessita para o seu desenvolvimento e organização psíquica, de “pontos de certeza”. Estes pontos assentam na transformação do diferente e aleatório em algo não mutável, conferindo a afirmação do poder de um sobre o outro, como a inclusão do apelido de Pedro em Marta, garantindo a sua transmissão. Será que Inês, ao confiar o segredo à irmã que por sua vez transmite aos pais colocam-se como mensageiras que denunciam as descontinuidades do grupo familiar, convocando a necessidade de coesão?

Por sua vez, Berenstein, Puget e Sequier (1984), introduzem a ideia de que

(...) a passagem da certeza à segurança percorre-se o caminho de Narciso a Édipo, fazendo com que esta última inclua, pelo menos, os dois integrantes do vínculo. Quando se dá a passagem da certeza para a segurança, a transparência do outro adquire um carácter de opacidade. Dá-se então, a possibilidade de funcionar como um espelho, que reflete e recebe o reflexo.

Conferindo a ideia de que Marta sem Pedro é Marta sem Marta e filhas sem mãe, são filhas de quem?

Vivenciamos, agora, a reparação das viúvas e órfãos de vivos.

BIBLIOGRAFIA

- Aulagnier, P. (1979) Les destins du plaisir, Paris, Ed. PUF.
- Berenstein, I.(1981). *Psicoanálisis de la estrutura familiar: del destino a la significación*. Buenos Aires: Ed. Paidós.
- Beresntein, I., PugetJ. Siquier, M.I (1984): *Narciso y Edipo en el proceso psicoanalítico. Del espejo a la esfinge*, Rev. De Psicoanalisis, XVI, 4, , Buenos Aires.
- Berenstein, I.(1988). *Família e doença mental*. São Paulo: Escuta.
- Berenstein, I. e Puget, J. (1988). *Psicoanálisis de la pareja matrimonial*. Buenos Aires: Ed. Paidós.
- Berenstein I. (1990). *Psicoanalizar una familia*. Buenos Aires: Ed. Paidós.
- Berenstein, I. e Puget, J. (1993). *Psicanálise do casal*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Berenstein, I.; Puget, J. (1997). *Lo vincular. Clínica y técnica psicoanalítica*. Buenos Aires: Ed. Paidós.
- Eiguer, A. (1985). *Um divã para a família*. Porto Alegre: Artes médicas.
- Eiguer, A. (1987) *La parenté fantasmatique. Transfert et contre-transfert en thérapie familiale psychanalytique*, Paris, Dunod.
- Eiguer, A. (1998). *A Transmissão do Psiquismo entre Gerações*. São Paulo: Unimarco
- Eiguer, A. (2005) : *Nunca eu sem ti*. Parsifal. Lisboa
- Eiguer, A. (2011). *La clinique actuelle des familles avec des adolescents. Revue de thérapie familiale psychanalytique*, 27, 13-28.
- Freud (1921) *Psicologia do grupo e análise do ego*. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro, Imago: V. 18;1980
- Gil, J. (2008)- Portugal, Hoje. O Medo de Existir. Relógio d'Água.
- Kães, R. et al (1979) : *Crise, Rupture et Depassement*. Paris, Dunod.
- Kães, R. (2000). *Um pacto de resistência intergeracional ao luto*. In: Correa. O. B. (org.) *Os avatares da transmissão psíquica geracional*. São Paulo: Escuta, 2000.
- Kães, R. (2005). *Os espaços psíquicos comuns e partilhados: Transmissão e negatividade*. São Paulo: Casa do Psicólogo
- Kães, R. (2007). *O Grupo e o Sujeito do Grupo*. São Paulo: Caso do psicólogo.
- Kães, R. (2011). *Um singular plural -A psicanálise à prova do grupo*. São Paulo: Edições Lyola Jesuistas.
- Kães. R. (2014). *As alianças inconscientes*. São Paulo: Ideias & letras.
- Lito, A.M. (2010). *O Enigma da Interpretação- Construções e (Re)construções de Realidades no Processo Analítico*, na Revista Portuguesa de Psicanálise. Fenda. Lisboa. Lito, A. M. (2010).
- Lito, A. M. (2010). *As Famílias de Vidro: Discursos Inacabados....* Revista da Federación Española de Asociaciones de Terapia Familiar. Mosaico, 46, 20-25.
- Lito, A.M., Ferreira, A. M. (2014). *A Patologia Aditiva e a repetição familiar: Nós-Problemáticos Transgeracionais*. *Psychology, Community & Health*, 3, 3.
- Lito, A. M. (2015). *A viabilidade das Famílias de Vidro – Para a Psicanálise de Casal e da Família*, *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 35 (1), 26-36.
- Lacan, J. (2005): *Des Noms-dú- Père*. Paris: Seuil.
- Winnicott D. W. (2002): *O bebé e as suas mães*. São Paulo. Martins Fontes

